

SCENE ON RADIO

"No Início"

**5ª Temporada / Episódio 1:
Transcrição em Português**

00:00	<p>[A 5ª temporada é apoiada por vocês, nossos ouvintes, e pela International Women's Media Foundation.]</p> <p><u>Som</u>: Virando páginas de papel.</p> <p>Amy Westervelt, Gênesis 1: 1: No início ...</p> <p>John Biewen: No principio ...</p> <p>Amy Westervelt: Deus criou os céus e a terra.</p>
00:16	<p><u>Som</u>: Clique da tecla do computador</p> <p>ABC News, 6 de setembro de 2020, Apresentadora: Começamos esta noite com o estado de emergência na Califórnia, onde um calor histórico provoca incêndios perigosos....</p> <p>BBC News Australia, 21/03/21: Apresentadora: Várias regiões da Austrália foram atingidas pela pior enchente em um século ...</p> <p>Africa News, 30/11/19: A África do Sul enfrenta uma das secas mais letais da história.</p> <p><u>Som</u>: Clique</p> <p>Amy Westervelt / John Biewen, Gênesis 1: 12-20: E, assim, a terra fez brotar toda a vegetação: ervas que dão sementes segundo sua espécie, e árvores que produzem frutos, cujas sementes estavam neles, de acordo com suas espécies. E observou Deus que isso era bom.....E disse Deus: "junte se as águas e haja seres vivos".</p> <p><u>Som</u>: Clique</p> <p>Apresentadora do CTV News: Nos próximos trinta anos, o aumento do nível do mar pode afetar três vezes mais pessoas do que se pensava</p>

anteriormente ... há 150 milhões de pessoas morando em cidades que podem estar submersas em 2050

Som: Clique

Amy Westervelt / John Biewen, Gênesis 1: 20,24:... e aves que podem voar acima da terra no firmamento aberto do céu...E disse Deus: “Que a terra produza seres vivos segundo suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e todos os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com sua espécie...

Som: Clique

NPR, 6 de maio de 2019, Ailsa Chang: Segundo o relatório apoiado pelas Nações Unidas, até um milhão de espécies de plantas e animais estão em risco de extinção, muitas em até algumas décadas. Os autores alertam que a perda de toda essa biodiversidade pode representar uma ameaça ao bem-estar humano.

Som: Clique

01:32 [Música]

Amy Westervelt / John Biewen, Gênesis 27-28: Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.

[Música]

Amy Westervelt: Então, John, O Reparo. O título para esta temporada parece meio otimista.

John Biewen: (Risos) Acho que sim. De qualquer maneira há esperança. Não posso dizer que estou otimista com as chances de resolvermos nossa própria bagunça.

Amy Westervelt: Sim. Eu também não me considero uma pessoa otimista.

John Biewen: Você é Amy Westervelt e estou muito feliz dizer que você é minha colaboradora e co-apresentadora na quinta temporada. Amy é uma jornalista e podcaster maravilhosa. Ela apresenta vários programas sobre o clima, incluindo Drilled, que é um tipo de série de crimes sobre a crise climática.

Amy Westervelt: E você é John Biewen, apresentador e produtor de Scene on Radio. Eu quero dizer que este podcast é, provavelmente, meu favorito. Por isso estou feliz demais por estar aqui. (Risos)

John Biewen: Oh meu Deus. Que coisa boa.

Amy Westervelt: É verdade.

John Biewen: Bem, é um prazer trabalhar com você. Portanto, a ideia por trás do título não é para dizer que o reparo já está em ação. Ainda não. Sobretudo, eu acho que a ideia nos guia para nossa pergunta: o que seria necessário para realizar as mudanças que precisaríamos fazer? Certo? Não apenas para evitar as piores calamidades da crise climática que está avançando em nosso caminho, mas, ao mesmo tempo - por necessidade - para consertar as outras profundas injustiças entrelaçadas que abordamos no programa nos últimos anos.

Amy Westervelt: Sim. Nas últimas três temporadas, você e seus colaboradores contaram a história de uma sociedade patriarcal fundada na supremacia branca e estabelecida sob estruturas profundamente antidemocráticas. É uma sociedade construída, em primeiro lugar, para a extração de riquezas, por relativamente poucos, às custas de milhões de explorados e do mundo natural.

John Biewen: Exato. Então, o que tudo isso tem a ver com nossa crise ecológica?

Amy Westervelt: Certo. Além de tudo.

John Biewen: Tendo respondido às grandes perguntas sobre quem somos como sociedade, o tema atual parece um passo natural no nosso programa. E, além disso, o clima é o desafio existencial mais sério da humanidade, talvez de toda a história. Então, o que realmente significa “reparar?”

Amy Westervelt: Para responder a pergunta, precisamos esclarecer que é o problema realmente. Onde foi que nós erramos de fato? Não apenas nas tecnologias que desenvolvemos, o combustível que decidimos queimar nos

últimos séculos, mas em relação a nossos valores culturais mais profundos. Como, onde e quando nos fizemos uma curva tão errada?

John Biewen: Particularmente - você e eu temos falado muito em "nós." Por exemplo: "nós" erramos - quem é "nós"?

05:05 [Música]

John Biewen: Desde o Center for Documentary Studies da Duke University, esta é Scene on Radio, 5ª temporada: O Reparo. Uma série sobre a crise climática que nos levará ao redor do mundo, para avaliar o dano das nossas ações e o que nos podemos aprender sobre possíveis soluções para pessoas de diferentes culturas.

Amy Westervelt: Mas neste primeiro episódio, eu acho que vamos abordar uma pergunta bem típica do Scene on Radio: Como chegámos a este ponto? Quem é essa espécie de seres humanos em particular que vem nos empurrando para um penhasco? Um estudo revelou que os EUA e a União Europeia, que juntos têm um décimo da população global, produziram 70% do excesso de gases do efeito estufa que gerou esta crise. Como é possível que o Ocidente se tornou em um tipo de sociedade que iria desencadear tanta destruição - em nossa casa, sobre outros seres vivos e ultimamente em nós mesmos e em nossos filhos? Vamos tentar contar esta história em nossos primeiros episódios. A primeira reportagem é de você, John. Vai lá e vamos conversar em pouquinho.

John Biewen: Tudo bem.

06:24

David Pecusa: Hum, eu poderia dizer que estamos cerca de seis mil pés aqui? É um deserto alto.

John Biewen: David Pecusa tinha 32 anos quando o conheci em 2008, na Reserva Hopi. Aqui David estava traçando uma linha na terra para o plantio.

David Pecusa, (fora de casa e dando alguns passos): Um, dois, três. Posso ver aquele outro marcador que fiz com aquela lata ali? Daí, eu vou ficar de olho, mantereí meu olhar naquela lata e vou fazer a marcação com meus pés. (arrastando seus pés no solo)

John Biewen: Eu estava de visita com a coprodutora, Camille Lacapa, gravando para uma série de rádio pública sobre agricultores familiares. David, sua mãe e seu

pai viviam na aldeia de Bacavi em Third Mesa. Eles cultivam alimentos em pequenos terrenos que ficam em planaltos abaixo do planalto.

David Pecusa: (seus passos param) Daí, eu olho para trás para ver se fiz uma linha reta até o outro marcador. Tá bem agora.

John Biewen: Os fazendeiros Hopi plantam milho e feijão e colhem plantas silvestres como espinafre e frutas vermelhas, quase como seus ancestrais fizeram neste lugar por milhares de anos. O povo Hopi diz que entre dois e três mil anos atrás seus ancestrais migraram de outros lugares no sudoeste (EUA) e no México e formaram a nação Hopi na região que é também chamada de norte do Arizona.

David Pecusa: A areia—nós temos areia marrom. Sálvia, iúca, chá mórmon e a maior parte dos arbustos fica perto do chão. Um amigo disse que parece com a planeta Marte. (risos)

John Biewen: O pai de David, Davis, tinha setenta anos quando nos conhecemos. Davis usou um velho trator, o Massey-Ferguson, para as safras. Você pode ouvir a máquina do pai no fundo, plantando milho no terreno vizinho. David, o filho, é mais tradicional do que seu pai. Hoje, no início de maio, David está plantando feijão – com suas próprias mãos.

Som: enxada raspando o solo

David Pecusa: Eu tenho uma enxada, então vou raspar, raspar até chegar aonde a terra está molhada assim. É muito bom porque parece muito úmido, então você pode ver onde a terra de cima está toda seca e a parte inferior ainda está molhada. (Som: enxada batendo na terra) Daí, eu vou pegar minha vara para plantar. É como uma enxada plana e com duas polegadas de largura. Tradicionalmente eles utilizaram uma vara feita de madeira de graxa. Só vou quebrar a terra molhada. Veja como está úmido. E vou cavar cerca de 6 polegadas ou mais, talvez sete polegadas. Daí, eu vou enchê-lo até a metade. Lá embaixo eu já soltei a terra suficientemente para que quando as raízes surgissem, elas vão descer direitinho e vão ficar mais fácil para se enraizar.

Som: sementes em um recipiente

David Pecusa: Esse feijão-lima, tais sementes são bastante resistentes. Nós

já experimentamos o lado industrial, ou seja, sementes industrializada ou coisas que não estão acostumadas a ser plantadas no deserto. Elas irão morrer porque não sabem o que fazer. Vou colocar cerca de seis lá dentro. Olhe o que eu faço—olha só—o interior. Vou colocá-lo no chão. Assim, as raízes vão descer direitinho. E eu os planto meio afastados do buraco para que não se toquem. 'Porque em alguns dias, quando eles absorverem toda a umidade, eles irão se encher e dizem que se tocarem eles apodrecem. O interior dos brotos vão se apodrecer. Agora eu vou meio que pressionando eles no chão macio. Portanto, este tipo de plantio vai demorar a brotar. Eu aprendi assim, daí, a gente fica bem mais consciente sobre o que estamos fazendo. A gente não fica arremessando sementes de qualquer jeito. De alguma forma estamos estabelecendo uma boa relação desde o principio, com cada semente colocada no chão. (Risos)

John Biewen: Os Hopi praticam a agricultura seca, utilizando aquelas sementes resistentes e acostumadas ao clima do deserto. A técnica foi transmitida por seus ancestrais ao longo dos séculos. Dependem de qualquer umidade que o deserto ofereça em um determinado ano: neve escorrendo das mesas na primavera, as monções imprevisíveis que rolam pelo deserto no verão. A maioria dos fazendeiros Hopi, incluindo os Pecusas, não pratica a irrigação. Não usa fertilizantes sintéticos, nem estrume. Isso significaria uma falta de fé e gratidão aos espíritos, alguns dos quais são ancestrais. Como fazendeiro, David faz parte de algo muito maior do que alguém que simplesmente cultiva alimentos para sua família. Ele me diz que está acompanhado quando trabalha no campo.

David Pecusa: Tudo isso, entre aquela meseta e este cantinho, está cheio de ruínas. Você encontrará cacos de panela aqui e ali. Portanto, as pessoas vivem ou cultivam aqui há muito tempo. Pessoas pré-históricas estavam cultivando por aqui. Eu sempre me comporto sabendo que há coisas que estiveram aqui que são bem mais velhas do que eu. E que elas veem minhas intenções, o que estou fazendo. Também eu peço-lhes permissão e para me ajudar no meu trabalho na agricultura. (som: rajada de vento) Eu posso senti-lo. Todas essa energia que existe ao meu redor, são os meus ancestrais ou algo desta terra. É a razão pela qual plantamos. Eu sou apenas uma ferramenta. Entendeu? Eu não sou a fonte do acontecido. Sou apenas a pessoa colocando as sementes na terra e cuidando disso. Assim, eu tento realizar meu trabalho de forma bem respeitosa.

John Biewen: David e a forma como ele fala sobre agricultura podem parecer totalmente fora do comum através da ótica da nossa sociedade tecnológica, extrativista do século 21. Mas, no passo da história humana, os Hopi não são estranhos. Os antropólogos dizem que durante a maior parte dos últimos duzentos ou trezentos mil anos, ou seja, a maior parte da história humana, a abordagem humilde de David sobre a criação foi a normal. Seu entendimento, de que ele deve servir à natureza, e não o contrário, era quase universal. Você nunca tentou imaginar pessoas na antiguidade tentando dar sentido ao mundo antes que a ciência surgisse para explicar a mecânica de tudo: o sol, a lua, a chuva, os dias e as estações, Por quê as coisas crescem? Enquanto os elementos e outras criaturas pareciam mais ameaças do que o tempo. O que poderia ter ocorrido com àquelas pessoas que sobreviviam em pequenos grupos de caça e coleta, que, de alguma maneira, estavam categoricamente separadas do resto do mundo e, menos ainda, responsáveis por ele? Que tudo foi criado para seu uso? Como e quando os seres humanos começaram a pensar assim?

Voz: Mulher lendo Gênesis, Capítulo 1 em hebraico

John Biewen: Estamos de volta onde abrimos este episódio, com o Livro do Gênesis. Agora estudiosos acreditam que a bíblia foi composta por varias pessoas que reuniram vários textos escritos em hebraico cerca de quinhentos ou seiscentos anos aC, antes da Era Comum.

Bina Nir: Meu nome é Bina Nir. Minha pesquisa ... [abaixando o volume]

John Biewen: Bina Nir é professora do Academic College of Emek Yezre'el, em Israel. Ela já trabalhou como cientista e agora estuda a cultura ocidental e suas raízes religiosas. Sentindo-se mais a vontade falando hebraico, Nir responde a maioria das perguntas neste idioma. Ela diz que os pensadores hebreus que escreveram a história da criação do Gênesis fizeram uma ruptura fundamental com todas as culturas conhecidas da época.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: Porque no mundo pré-bíblico, principalmente no mundo pagão, mas na Grécia também, as pessoas viviam em harmonia com a natureza, e os deuses faziam parte da natureza e tudo estava na natureza.

John Biewen: Em outras religiões antigas, os deuses muitas vezes possuíam poderes inacessíveis aos seres humanos. Mas haviam limites a esses poderes. De muitos aspectos, a natureza os governavam também. Lembre-se das crenças espirituais indígenas e pagãs em todo o mundo - na Ásia, África, Europa, Austrália, Américas. Também nos impérios poderosos, Grécia e Roma. Seus deuses tinham fraquezas, imperfeições e desafios para superar. Então, vem o Deus, o todo-poderoso do Gênesis.

Voz, Gênesis 1: 1: No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia...

John Biewen: Bina chama esse conceito de Deus revolucionário.

Bina Nir, hebraico...

Dublagem: Acho que nos precisamos falar sobre essa revolução em alguns níveis: Um nível é a percepção de um Deus abstrato. Segundo, está a separação de Deus da natureza.

John Biewen: Parece que o Deus do Gênesis existe antes do mundo natural e ele tomou a decisão para criá-lo. Ele não faz parte da natureza. Outro conceito revolucionário, diz Bina, é o que parece ser uma hierarquia clara, pelo menos no Gênesis.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: Eu acho que é importante enfatizar que, de acordo com a percepção bíblica, o mundo foi criado para o homem. Eis a ideia principal.

Voz, Gênesis 28: ... e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja sobre a terra!"

John Biewen: Vamos fazer uma pausa para observar o uso dos termos masculinos, pelo menos em inglês - para Deus, "Ele", e para a humanidade, "homem". Mas no hebraico antigo, o gênero é menos claro, e a maioria dos teólogos judeus dizem que Deus transcende o gênero. Mas em outro lugar, as escrituras hebraicas se referem a Deus como "Pai" e como o "noivo", o povo de Deus sendo Sua noiva. O Novo Testamento, é claro, descrevendo Deus como "o Pai", e o Deus cristão assume a forma humana como um homem, Jesus. E Deus é representado por

artistas cristãos como um homem quase sem exceção. Pense no icônico Divindade da Capela Sistina com a barba esvoaçante. O que quer que os teólogos possam dizer sobre o gênero de Deus, as religiões abraâmicas - judaísmo, cristianismo e islamismo - foram enraizadas em culturas predominantemente patriarcais. Bina Nir explica que o Deus da Bíblia demonstra uma "vontade masculina" que se parece como a noção de "domínio".

Bina Nir, hebraico....

Narrador: Se o homem inventou Deus, isso diz algo sobre as pessoas que inventaram esse deus masculino.

John Biewen: O que significava realmente para a humanidade em termos éticos, que Deus deu aos seres humanos o domínio sobre o resto da criação? É um debate. Mas Bina Nir destaca outra mudança conceitual profunda que foi apresentada pelos escritores do Gênesis. Na história de Adão e Eva e aquele fruto proibido, e na história de Caim e Abel, onde Caim mata seu irmão e enfrenta ninguém menos que o Todo-Poderoso ...

Voz, Gen 4: 9: Perguntou, pois, o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão?

John Biewen:... há seres humanos fazendo coisas que Deus claramente não quer que façam. Pessoas podem fazer o que quiserem.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: A ideia de livre vontade foi uma revolução no mundo antigo, onde havia apenas inevitabilidade e destino.

John Biewen: Destino. A maioria das culturas antigas mantinha crenças determinísticas. Os indivíduos estavam à mercê dos deuses, essencialmente passageiros, conduzindo seus destinos a uma conclusão precipitada. Na mitologia grega, essas três deusas, as Moirai, decidiam o destino de cada pessoa. Igualmente, na religião nórdica de Odin e Thor e Freya - dramatizada aqui na série de TV "Vikings", que se acontece no século X.

Programa de TV dos Vikings, Gunnhild: Não desejo ser rainha.

Erik, o Vermelho: Eu sei. Mas você sabe perfeitamente que você não pode determinar seu próprio destino, pois já está escrito.

John Biewen: Somando as inovações que Bina Nir encontra em Gênesis: um Deus que está além do mundo natural e o cria do nada e também cria os seres humanos à imagem de Deus. A humanidade obtém domínio sobre todos os outros seres vivos e a liberdade para moldar nosso próprio destino.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: Em uma interpretação secular, eu trato este texto como uma projeção dos desejos humanos.

20:24 **John Biewen** (na entrevista): É libertador, não é? Isso me lembra do Iluminismo, em termos de uma mudança radical no pensamento humano, uma certa abertura para novas ideias.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: Sem dúvida, essa revolução também é uma revolução positiva. Sem o livre arbítrio, a ciência não teria se desenvolvido. Sem este conceito não teríamos alcançado a modernidade. Curiosidade, a sensação de que a vida não é determinísticas. É uma pena que esses fatores tenham sido acompanhados pela ideia sobre o controle da natureza.

John Biewen: Se isso estiver correto, se aqueles pensadores judeus, alguns milhares de anos atrás, escreveram coisas que empurrou a humanidade em direção à nossa atual crise ecológica, isso é apenas um pedaço da história. Como Bina Nir diz, o Judaísmo nunca foi evangélico. Aqueles antigos hebreus não tinham interesse em conquistar crentes para adotar suas idéias.

Bina Nir, hebraico....

Dublagem: No início, a narrativa bíblica era limitada a uma área bem reduzida. Na verdade, foi o cristianismo que a espalhou de forma significativa.

[Música]

John Biewen: Ah. Portanto, podemos culpar o cristianismo por empurrar o mundo para a vala ecológica. Ou esta ideia é simples demais também?

[PAUSA-Música]

22:03 **John Biewen:** Esta mudança no Gênesis, a apresentação de um Deus que dá a humanidade domínio sobre o resto da natureza, não trouxe, em si, uma mudança drástica no comportamento da gente. Por um lado, a Bíblia judaica, o Antigo Testamento para os cristãos, não era consistente nesse ponto.

Kate Rigby: Gênesis 1 tem destaque porque é o começo da Bíblia. Mas se você ler outros capítulos na Bíblia, existem mensagens completamente contraditórias.

John Biewen: Kate Rigby é uma acadêmica australiana e diretora do Centro de Pesquisa para Humanidades Ambientais da Bath Spa University, na Inglaterra. Ela diz, por exemplo, que no livro de Jó, Deus não dá tanto destaque a humanidade.

Kate Rigby: Olha, Jó diz, que sente pena de si mesmo, por que coisas terríveis aconteceram comigo. E ele pega essa arenga (risos), esta voz, a voz do vento, da tempestade. Yahweh fala e diz, basicamente, olha, eu faço chover no deserto onde ninguém mora....

Voz, Jó 38:25: Quem foi que abriu canais para as grandes chuvas, e um caminho para as tempestades trovejantes, a fim de despejar o aguaceiro sobre a parte da terra em que não habita nenhum ser humano ou nos desertos onde não vive ninguém, ... para fartar a terra deserta e assolada e fazer crescer relva verde e nova?

Kate Rigby: Aliás, você conhece sobre a vida dos corvos e todas as outras criaturas? Ele fala sobre muitas criaturas selvagens. Ele diz, você não entende a vida deles! Eu me importo com eles.

John Biewen: O Deus do Jó parece estar dizendo que a vida não é tudo sobre você. E Rigby diz, seja o que for que Gênesis disse sobre domínio, os antigos pensadores cristãos mais importantes não pensaram assim: "vamos andar pelo mundo e usar a natureza arbitrariamente, para nosso benefício". Pense sobre o Basílio de Cesaréia, também chamado São Basílio, o Grande. Ele era grego, um teólogo e bispo importante na Ásia Menor, a atual Turquia, no século IV.

Kate Rigby: E confesso que eu adoro Basílio cada vez mais. (Risos)

John Biewen: Kate tem estudado teólogos ao longo da história cristã que interpretaram a história da criação no Gênesis. Tal reflexão é chamada de Hexamerão, referindo-se aos seis dias da criação.

Kate Rigby: Basílio foi talvez o mais influente desses primeiros escritores hexaméricos.

John Biewen: Basílio proferiu seu Hexamerão como uma série de sermões no ano de 370, na Basílica de Cesaréia.

Kate Rigby: E a essência dessas homilias é para exortar a congregação a erguer seu olhar além do mundo da criação humana e se maravilhar no mundo natural que eles não criaram, mas que Deus chamou à existência. E eles são, basicamente, a celebração mais incrível da natureza. Ele continua a falar, dizendo coisas tipo—tem tantas coisas que eu poderia falar! O que vou escolher, o que vou deixar pra fora! Entendeu? E ele diz, oh, meu discurso fugiu de mim. Já é noite! (rindo) Sabe? E o povo ainda está sentado ali. Oh, esqueci de falar sobre os pássaros! (rindo) Ele é um fanático-ecológico, e ele só está tentando encorajar sua congregação a compartilhar seu entusiasmo pela natureza.

John Biewen: Rigby diz que o relato de Basílio sobre a história da criação do Gênesis está incompleto. Ele analisa o texto até o sexto dia, quando Deus cria o homem e a mulher, e pára.

Kate Rigby: As homilias são interrompidas com a formação dos primeiros seres humanos, mas antes dos versos sobre o domínio dos seres humanos. Parece que ele estava muito desconfortável com isso e ele não queria continuar. Por isso ele pára.

John Biewen: Basílio era um líder no Oriente, onde a Igreja Ortodoxa surgiu depois. Aqui é um grande pensador do mundo cristão ocidental? Agostinho.

Kate Rigby: Eu costumo ter uma visão bastante obscura sobre Agostinho, principalmente porque ele parece ter sobrecarregado o cristianismo ocidental, em particular, com uma atitude absolutamente terrível em

relação à sexualidade—que a sexualidade está, de alguma forma, conectada com o pecado original e outras crenças absolutamente terríveis. Porém, eu comecei a ler mais sobre suas reflexões acerca da criação. E ele está tão apaixonado por outras criaturas e pequenas coisas como vermes e formigas e coisas irritantes como mosquitos. Ele diz, bem, eu não sei por que Deus criou coisas assim. Mas não são maravilhosas quando você olha para elas em si mesmas? Não são fabulosas? Tudo isso é muito cativante.

John Biewen: Agostinho, como Basílio, escreveu extensivamente sobre Gênesis e seu significado. No seu análise, Agostinho percorre todos os seis dias, porém, tem muito pouco a dizer sobre o “domínio,” segundo Kate. Parece que não teve uma boa classificação na sua análise. Ele diz que haviam outros pensadores cristãos na antiguidade que adotaram a ideia de que Deus criou as plantas e os animais não-humanos para o uso das pessoas.

Kate Rigby: Existe uma ideia de que, como o relato é percebido como terminando no sexto dia com a criação dos seres humanos, mesmo naquele período da antiguidade tardia a gente tem a sensação entre alguns dos comentaristas de que o resto da criação é para servir aos interesses humanos. Para que você descubra.

28:06 **John Biewen:** Também é verdade que Agostinho, com todo o seu apreço pelos animais não-humanos, fez uma difícil distinção entre nós e eles: ele disse que apenas os seres humanos são "criaturas racionais", não-"brutos", e só os seres humanos têm almas. Esse tipo de pensamento justificava claramente a domesticação e o uso dos animais para benefício humano. [música] Mas, tratar os animais como gado não era novo para o mundo pós-Gênesis ou para o cristianismo. Pense nisso. Por um milênio após a época de Basílio e Agostinho, durante toda a Idade Média, as tecnologias usadas pelas sociedades cristãs não mudaram muito. Como no resto do mundo. David Pecusa, o fazendeiro Hopi, seu tipo de cultivo teria parecido normal ao redor do mundo. As pessoas faziam quase tudo à mão ou com máquinas simples, ou com a ajuda de um boi ou cavalo. O impacto da humanidade no mundo natural permaneceu suave, especialmente comparado com o que viria depois. É verdade que as pessoas ainda não haviam inventadas ferramentas poderosas de extração e poluição, mas talvez em uma cultura preocupada principalmente com a piedade, eles não estavam com presa para fazer isso. O Ocidente ainda não havia construído uma cultura de exploração irresponsável. Para construir todas aquelas máquinas violentas, os europeus precisariam instalar mais algumas peças.

29:35 [Música]

Amy Westervelt: A seguir.

John Biewen: Sim. Ainda temos que chegar ao momento quando nos realmente saímos dos trilhos. Amy Westervelt está de volta. Como nas temporadas anteriores, com meus colaboradores e co-apresentadores, você e eu vamos passar um pouquinho de tempo desdobrando algumas ideias no final de cada episódio.

Amy Westervelt: Certo. Então, Kate Rigby parece estar dizendo que, no cristianismo - uma vez que o cristianismo se tornou, de certa forma, a principal força que espalhou a história no Livro do Gênesis - sempre houverem debates calorosos acerca do significado de *domínio*. Aquela declaração contundente no primeiro capítulo de Gênesis onde Deus colocou a humanidade no comando do resto da natureza.

John Biewen: Exato. Quer dizer, domínio significa que Deus estava entregando a terra e as outras criaturas aos seres humanos para servir aos nossos desejos? Para usar tudo como quisermos, até mesmo destruí-lo, se isso nos convém?

Amy Westervelt: Ou se Deus estava dando à humanidade uma *responsabilidade* sagrada para agir como um *pastoreiro* das plantas, dos animais e da terra?

John Biewen: Aqueles debates calorosos persistiriam, e ainda persistem, mas tornariam-se ainda mais intensos, e os riscos se tornariam muito mais intensos séculos depois, como veremos no próximo episódio.

Amy Westervelt: Ok. Mas não importa como a gente se interpreta o relato, a história sobre o domínio parece problemática. Ou seja, declarar que nossa espécie está no comando do mundo - ou alegar que um ser divino nos colocou lá em cima de tudo é arrogante, antropocêntrico, não importa como você interpreta a história.

John Biewen: Entendo. Mas eu me pergunto se haja uma maneira menos narcisista para entender o relato? Parece-me que os seres humanos já mostraram, infelizmente, tendências e capacidades que nos colocam em uma categoria única como espécie. Poderiam as baleias ou os chimpanzés maltratar o planeta igual a nós? Então, não quero dizer, necessariamente, que somos as melhores ou a

espécie mais importante. Pode ser tratada como uma confissão de que, sim, somos excepcionalmente perigosos e, por isso, temos uma responsabilidade especial.

Amy Westervelt: Por causa de nossos cérebros grandes, nossos polegares opositores, nossa capacidade de inventar produtos químicos tóxicos e máquinas poderosas.

John Biewen: Certo.

32:03 **Amy Westervelt:** Faz sentido. Acrescenta nossa consciência, que inclui um senso da nossa própria importância e ambição e ego e um desejo de dominar, e você terá esse tipo de habilidade distinta de transformar o ambiente e destruir tudo para outras criaturas e para nós mesmos.

John Biewen: E eu vou mais longe, dizendo que eu não sou uma pessoa religiosa, não sou cristão ou judeu. Para mim, pessoalmente, não se trata de ler as escrituras como se fosse uma guia do mundo real, ou a necessidade de encontrar uma interpretação do Gênesis que eu possa defender. Embora, claro, para muitas pessoas, pudesse ser isso.

Amy Westervelt: Sim, também não sou uma pessoa religiosa, particularmente. Eu fui criada católica demais. Íamos à igreja todos os domingos. Fizemos o catecismo e tudo. Meu pai era um católico mexicano que tinha uma Bíblia em todos os banheiros. (Risos) E eu também fui para um colégio católico. Mas meus pais não queriam forçar meu irmão, nem eu, a filiar-nos à igreja. De certa forma deixou a decisão para nós. Eles nos permitiram a tomar esta grande decisão aos dezessete anos, e nenhum de nós topou em seguir assistindo a igreja. (Risos.) Então, hoje em dia, eu não sou nada religiosa mas, durante minha juventude, eu já recebi uma dose imensa da religião. E no que se refere à natureza, acho que os católicos são bastante obcecados por São Francisco de Assis e esse tipo de abordagem de pastoreiro. Tipo, há uma estátua que você vê no quintal de todas as tias católicas, um tipo de São Francisco que se parece com a Branca de Neve, ou algo assim, com pássaros em suas mãos e esquilos aos seus pés. Entende? Mas, a igreja católica também é a igreja que encorajou indulgências para os ricos, então ... sabe?

John Biewen: É uma bolsa misturada.

Amy Westervelt: Sim.

John Biewen: Acho que minha avó católica tinha aquela estatua de São Francisco também

Amy Westervelt: Todas tem. Todas.

John Biewen: Mas o que estamos tentando fazer é entender o que aconteceu, historicamente, e como chegamos até aqui. Há também a questão de quando devemos culpar qualquer fato como o impulso de reivindicar domínio sobre a natureza, de acordo com as religiões abraâmicas. Parece que você poderia aceitar a interpretação de domínio, aquela ideia bíblica, que reconhece o poder peculiar que os seres humanos têm para infligir danos.

Amy Westervelt: Certo, e uma outra interpretação que é sobre a responsabilidade e administração por causa desse poder, certo? Parece ser a forma que alguns pensadores cristãos importantes, como Basílio, pelo menos, perceberam o mundo, até por algum tempo. Mas o domínio me parece uma bomba-relógio ou sei lá. Escolha outra metáfora terrível.

John Biewen: Bem, cheguei a pensar nisso como uma autorização escrita e escondida silenciosamente num livro na estante que alguém poderia retirar quando realmente quisesse usá-lo.

Amy Westervelt: Oh, eu adoro isso. É como dizer, 'Olha, Deus disse que estava tudo bem, essa coisa horrivelmente destrutiva que estou prestes a fazer. Está tudo bem! Tranquilo!'

John Biewen: Sim. Olhando para o pedaço da história que abordamos até agora, movendo-se desde o mundo antigo para o início da era cristã, olhando tudo isso através da ótica desta série, me faz pensar de uma maneira diferente sobre a Idade Média—aquele longo período que as pessoas, às vezes, chamavam de Idade das Trevas.

Amy Westervelt: Certo, é muito interessante. Depois, durante o Renascimento, talvez começando no século 14, que os europeus começaram a falar mal sobre o período medieval, especialmente o período inicial do século V ao ano 1000, mais ou menos. Eles estavam traçando um contraste com sua própria época e com a Grécia e Roma antiga, o assim-chamado era clássica. Os pensadores do

Renascimento celebravam os gregos e romanos pelo que consideravam suas realizações culturais maiores e racionalidade, comparado com o que se seguiu na Idade Média.

John Biewen: Claro que tem sentido. Pessoalmente, eu sou a favor da razão, da ciência e da liberdade de pensamento. Prefiro viver numa sociedade não governada por dogmas religiosos, algo parecido com a Europa Medieval. Mas a vida e a história são complicadas e com cada mudança vem as compensações, não é?

Amy Westervelt: Sim. Podemos olhar para a Europa medieval como um lugar e uma época onde as pessoas viviam, de certa forma, estavelmente, praticando a piedade e se conformando aos éditos da igreja. Em outras palavras, sem ultrapassar os limites, não inventando muitas coisas, sem grandes mudanças na vida ou explorando e conquistando novos mundos, ou seja, nada comparado com o que viria depois.

John Biewen: Eles não estavam empurrando as mudanças que nos levariam a onde estamos hoje, no caminho para destruir de forma irresponsável e arrogante o nosso único lar. Vamos contar mais dessa história nos próximos episódios.

37:07 **Amy Westervelt:** Mas antes de sair, há outro ponto importante desse quebra-cabeça que devemos falar mais: patriarcado. Até agora nos abordamos este assunto só um pouquinho. Na série MEN, na 3ª temporada, você descobriu que o patriarcado estava se disseminando no mundo bem antes da chegada do Gênesis.

John Biewen: Sim. Surgiu, aparentemente, há cerca de dez ou doze mil anos, junto com o desenvolvimento de sociedades mais complexas, baseadas na agricultura.

Amy Westervelt: O patriarcado é um sistema de dominação e controle. Então, se esta é a raiz do problema, os seres humanos tomando a decisão de que têm o direito de conter, dominar e usar outros seres vivos por seu próprio benefício, bem, os homens estavam fazendo tudo isso para as mulheres na maioria das assim-chamadas civilizações no período de que estamos falando.

John Biewen: Com certeza. Houve exceções, inclusive entre algumas culturas indígenas neste hemisfério. Aliás, na tradição Hopi, o mundo natural, a humanidade incluída, é claro, foi criado pela Mãe Terra, não o Deus abstrato, masculino ou parecido—masculino da Bíblia. E, como o povo Cherokee na 4ª

temporada, a governança tradicional Hopi tem base na vida dos clãs e matrilinear. David Pecusa, o fazendeiro Hopi que ouvimos neste episódio, falou comigo sobre a reverência que os Hopi tem pelas mulheres e pelo feminino.

Amy Westervelt: Percebe-se tudo isso na forma saudável que ele trata seus campos de cultivo. Mas de volta a esta pergunta de quem é “nós,” referimo-nos a cultura ocidental, o lugar que viria o reivindicar um domínio muito violento sobre a terra e seus “recursos”, como passamos a chamá-los. Foi e ainda é uma cultura dominada pelos homens.

John Biewen: Sim.

Amy Westervelt: Uma cultura que há muito tempo decidiu traçar linhas e construir hierarquias. A linha entre homens e mulheres, com definições rígidas entre o binário: quem e o que eram homens e mulheres; quais eram seus papéis; e quem era o dono de quem.

John Biewen: Sim, talvez o domínio masculino sobre as mulheres tenha sido o pecado original. Só assim que o padrão foi estabelecido. "Eu sou homem e tenho o domínio, dado por Deus, sobre 'minha' mulher."

Amy Westervelt: Não é um exagero. Parece que também tenho o domínio dado por Deus sobre "os peixes do mar e os pássaros do ar e todos os seres vivos ... na terra." E, ao longo do caminho, domínio sobre outros seres humanos que não praticam minha religião ou não se parecem comigo. Mas teremos mais a dizer sobre isso, não é?

John Biewen: Sim. No segundo episódio, você mencionou o termo “recursos naturais”. Vamos parar um minutinho e conversar sobre a linguagem.

Amy Westervelt: Certo. Ele aponta para nossa profunda herança cultural no idioma inglês e no pensamento ocidental, e o fato de que é difícil falar sobre essas coisas sem perpetuar formas realmente distorcidas de pensar. Quando você fala sobre "recursos," você está assumindo uma relação de exploração, de que as árvores, os minerais e os animais só existem para nosso uso.

40:25 **John Biewen:** Eu sempre estou prestes dizer frases como: “seres humanos e nossa relação com a natureza.” Quando na verdade os seres humanos são a natureza. Nós fazemos parte disso, e a própria noção de que estamos separados - agora tão

enraizados na maneira como falamos - a própria noção de que estamos separados exemplifica o quanto erramos como cultura. Então, tento me segurar e dizer "nossa relação com o resto da natureza, ou com outras criaturas vivas", frases assim.

Amy Westervelt: Certo. Mas mesmo a palavra "natureza" e seu significado na cultura ocidental são problemas. Mas vamos lá nos próximos episódios.

John Biewen: Amy Westervelt. No próximo episódio: Mais da história de como chegamos a esse ponto e vamos falar mais sobre o passado um pouco mais recente - das cruzadas ao capitalismo. Venha.

41:29

Nossa editora desta temporada é Cheryl Devall. Música de Lili Haydn, Kim Carroll, Chris Westlake, Alex Weston e Cora Miron. Consultoria musical de Joe Augustine, da Narrative Music.

Tradução e Dublagem de Rachel Ariel e Dublagem de Scott Huler. Eu fiz as gravações de David Pecusa para uma série de rádio pública chamada, Five Farms, em 2009. Você pode encontrar mais sobre esta série à fivefarms.com. O produtor executivo desse projeto foi Wesley Horner.

Segue nosso site onde postamos as transcrições! sceneonradio.org. Scene on Radio é distribuído pela PRX. O programa é produzido pelo Centre for Documentary Studies da Duke University.

Tradução: Polyglot Barbershop

www.polyglotbarber.com